

Voz da Fátima

Director Editor e Proprietário Dr. Manuel Marques dos Santos — Administrador P.º Carlos de Azevedo — Redacção: Largo Dr. Oliveiro Salazar 21 — Leiria.
Administração: Santuário de Fátima, Cova da Iria, Composto e Impresso nas Oficinas da «União Gráfica» Rua de Santa Marta 48 — Lisboa N

A grande Peregrinação de Maio

A MULTIDÃO DOS PEREGRINOS

A peregrinação dos dias 12 e 13 de Maio deste Ano Santo Mariano foi caracterizada pela enorme multidão de peregrinos que afluíram à Fátima, de todo o mundo, numa das maiores de-

ao Santuário da FÁTIMA

monstrações de Fé e piedade jamais aqui vistas. Basta frisar que já na véspera, a 12, receberam a Sagrada Comunhão mais de cinco mil pessoas.

Os dias anteriores apresentaram-se excepcionalmente propícios à viagem e à concentração dos peregrinos. O sol esteve quente mas não abrasador. De noite o tempo refrescava apreciavelmente, mas não fazia muito frio. Pelas estradas, as filas de peregrinos a pé e de veículos de toda a espécie eram incessantes. Os letreiros dos autocarros indicavam que os seus passageiros vinham de todas as províncias de Portugal, desde o Minho e Trás-os-Montes até ao Alentejo e Algarve. Outros muitos autocarros e automóveis vinham da Espanha, da França, da Bélgica, da Alemanha, da Holanda, da Inglaterra e doutros países europeus. O maior contingente, como era natural, foi o do país vizinho. Presidindo a grandes peregrinações das suas dioceses, encontravam-se na Fátima desde a véspera os Senhores Arcebispo de Granada, Bispo de Tarazona e Arcebispo Auxiliar de Valência. E, além destes, muitos outros grupos de espanhóis vieram de toda a Espanha, do Atlântico aos Pirineus, do Cantábrico ao Mediterrâneo.

Da América do Norte e da do Sul a representação é igualmente extraordinária. Do Canadá, afora os peregrinos isolados, estão dois Prelados: Mons. Caza, Bispo de Valleyfield, e Mons. Limoges, Bispo de Mont-Laurier. Dos Estados Unidos havia muitas dezenas de peregrinos, predominando entre eles luso-americanos da Califórnia. Via-se ainda um grupo de soldados norte-americanos em serviço na Alemanha, acompanhados pelo respectivo capelão. Depois, quase todos os restantes países americanos estão presentes em maior ou menor escala. Brasileiros, de origem ou de coração, há muitos. Do Chile encontra-se o mais alto representante eclesiástico: é Mons. Caro Rodriguez, Cardeal-Arcebispo de Santiago. Do Paraguai, o Bispo de Villarrica. Do Episcopado português, além do Senhor

Bispo de Leiria, estavam os Senhores Arcebispo de Evora, Bispo de Beja e Bispos auxiliares de Coimbra e de Aveiro e coadjutor de Faro. E, entre outras individualidades de vulto, contam-se, com suas Esposas, o sr. General Muñoz Grande, Ministro do Exército Espanhol, o sr. Coronel Santos Costa, Ministro da Defesa Nacional, Governadores Cívicos de Portugal e Espanha, Ministro do Chile em Lisboa, etc. Estava também presente o sr. dr. Trigo de Negreiros, Ministro do Interior.

As figuras referidas e a tantos peregrinos de todas as nações, junta-se a imensidade dos devotos portugueses, ricos e pobres, velhos e novos, sãos e doentes, acompanhados e dirigidos por centenas de sacerdotes. O Exército e a Marinha comparecem em grande força com os seus capelães.

A PROCISSÃO DAS VELAS

Durante a tarde confessaram-se muitos milhares de fiéis, uns dentro da igreja do Rosário, outros no exterior. Por toda a parte se improvisavam confessionários. As 22 horas, rezou-se o terço, com as dezenas entremeadas de cânticos a Nossa Senhora. Depois, o rev.º cônego dr. José Galamba de Oliveira, subiu ao púlpito para elucidar os peregrinos da intenção da procissão das velas que ia seguir-se. Ela seria, disse o orador, um clamor de alma, um grande brado silencioso em favor dos milhões de cristãos que, em silêncio, igualmente clamam, suplicam e oram para além da cortina de ferro. E o orador referiu-se nomeadamente a cada um dos países da Europa Oriental — Polónia, Checoslováquia, Roménia, Bulgária... — assim manietados na sua consciência. Estes e outros passos das cerimónias hão-de chegar aos ouvidos de tantas vítimas do comunismo através da Emissora «A Voz da América» que para isso enviou expressamente à Fátima um sacerdote e um locutor polacos.

Findas as cerimónias preliminares,

principiou o desfile surpreendente, silencioso, de centenas de milhares de luzes. E a procissão das velas. Todos rezam, sem dúvida, mas só no santuário da sua alma. Era quase meia-noite quando as luzinhas deixaram de se movimentar. Só então da multidão imensa irrompe o grito de protesto e de solidariedade traduzido no coro do «Credo», majestoso e significativo.

A VELADA EUCARÍSTICA NOCTURNA

Terminado o canto do «Credo», o sr. D. Manuel de Jesus Pereira, Bispo Auxiliar de Coimbra, fez uma eloquente alocução sobre a significação das cerimónias e o alcance universal das comemorações marianas das quais esta peregrinação constitui um dos elementos culminantes. Assim se deu início à grande velada eucarística nocturna.

Depois da adoração geral, realizaram-se outros turnos de adoração, para peregrinações particulares, incluindo horas para os peregrinos de língua espanhola, francesa e inglesa.

AS MISSAS E COMUNHÕES

O Senhor D. Manuel Hurtado Garcia, Bispo de Tarazona, às 6 horas, dirigiu-se ao altar exterior da igreja do Rosário e principiou a Missa da Comunhão Geral. Durante quase três horas algumas dezenas de sacerdotes distribuíram a Sagrada Comunhão a cerca de oitenta mil pessoas. Seguiram-se as Missas dedicadas especialmente aos marinheiros e soldados de Portugal que, em elevado número e acompanhados dos seus oficiais, ocuparam a escadaria monumental do Rosário. Da primeira foi celebrante o rev.º P. João Cabeçadas, capelão da Armada, e da segunda o rev.º P. Nuno Marçal, do Batalhão de Engenheiros, da Amadora.

(Cont. na pág. 2)



CRUZADA DOS CRUZADOS

Harmonia de Esperança

O nosso pensamento e coração acompanham a Senhora nos passos da sua vida. Terá de ser sempre assim, em toda a nossa peregrinação terrena, deverá ser assim, de modo especial, neste Ano de Maria, em que celebramos o 1.º centenário da definição do dogma da Sua Conceição Imaculada. É a Senhora da celestial Serenidade, porque é a Senhora da Esperança indefectível.

Em nossa pobre vida, rasgada de sobressaltos temerosos, que muitas vezes se desencadeiam em quedas sombrias, facilmente descambamos em gestos orgulhosos de presunção ou em atitudes insensatas de revolta, que irá até o desespero.

Pobres somos, e com frequência parece-nos que podemos prescindir das divinas graças, supondo-nos centro dum mundo, do qual tudo depende. Mas, se tudo ou muito fiamos de forças fictícias, fatal será a ruína. Está cheia de episódios dramáticos de presunção a história da humanidade. Quiseram ser como deuses os primeiros pais, e logo a névoa da iniquidade ensombrou a sua alma, e criaram para todos os seus filhos a semente tenebrosa do pecado, que pesa sobre nós todos. Pretendeu o orgulho dementado construir a torre da sua imortalidade, e logo a babel da confusão se estabeleceu nos espíritos e nos corações. Diz Santo Agostinho ter visto cair colunas da Igreja e cedros do Líbano. Colunas foram os Apóstolos, mas, presumindo de energias enganosas, tristemente abandonaram o Mestre, e um deles até o atraçou em crime abominável, e outro covardemente o negou por três vezes. Só com a luz e fortaleza do Espírito Santo, adquiriram a bênção da paz, que não se alterou, nem com as sevícias afrontosas do martírio.

No polo oposto, confiando em si mesma, sossobra a alma nas trevas densas da revolta e do desespero, renegando o próprio Deus.

Houvesse em Judas um movimento íntimo de esperança, nascida nas alvoradas de arrependimento sincero, e o seu crime nefando seria lavado no sangue redentor do Justo, como foram lavadas as iniquidades do ladrão, crucificado ao lado do Senhor.

Maria fica para todo o sempre como símbolo augusto da esperança harmoniosa, que não presume, que não desespera, que não se revolta, mas que serenamente confia.

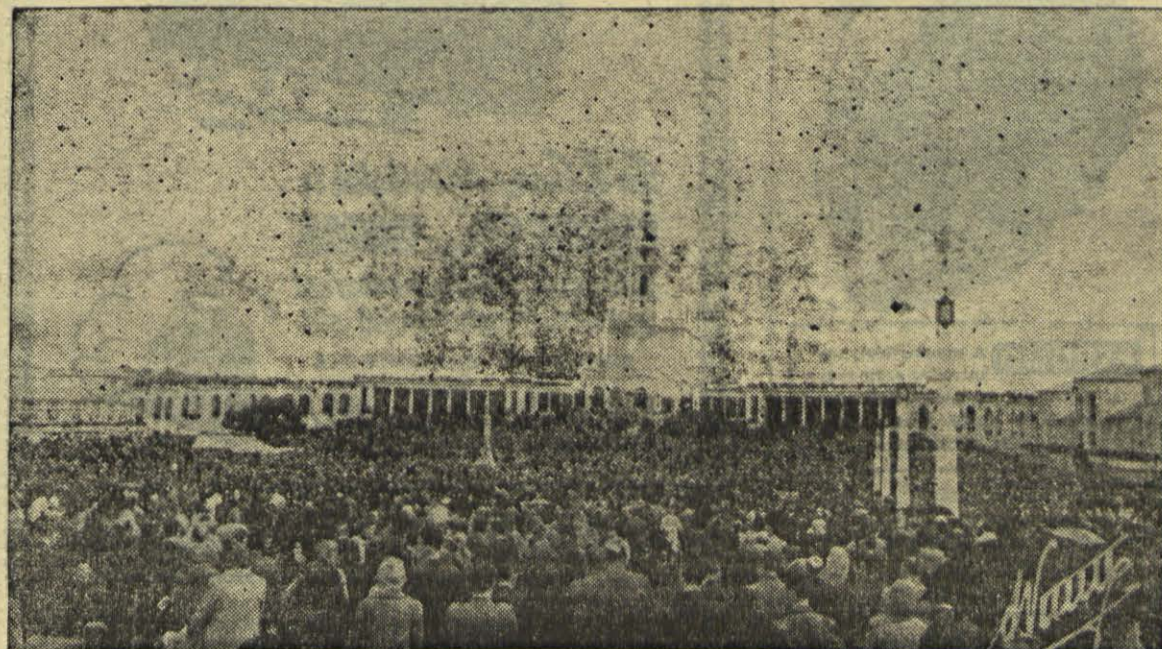
Na palavra imortal do *Magnificat* «realizou em mim grandes coisas Aquele que é poderoso», há o reconhecimento das forças espirituais que dormiam em sua alma sacrossanta, — forças que em Deus tinham o seu princípio, a sua segurança, e o seu fim. Toda essa vida tão alta e tão pura se resume na palavra sublime, com que aceitou a missão que Deus lhe confiara: «Que se realize em mim tudo conforme a Vossa palavra». Um *fiat* íntimo, profundo, e generoso é movimento criador que, sem dispensar a colaboração humana, tira a sua eficiência sobrenatural da acção transformadora da graça.

Por isso a Senhora espera, mesmo em todas as circunstâncias, aparentemente desesperantes. Nas Bodas de Caná, quando Jesus parecia recusar-lhe a mercê do prodígio que suplicava, Maria não duvidou um momento sequer de que o milagre ia operar-se. Daí as palavras de certeza que dirigiu aos ministros que serviam: «Fazei o que Ele vos disser». E nas horas dramáticas do Calvário, quando tudo parecia terminado, a Senhora confiadamente recordava em seu coração as grandes promessas da Ressurreição e da Glória.

Horas de Calvário, aflitivas e trágicas, quem não as viveu ou não as vive na realidade da vida?

Invoquemos com amor a Senhora da Esperança, modelo perfeito da esperança que é o remédio eficaz em todas as doenças que nos ulceram a alma. E lembremo-nos de que o silêncio, como já se escreveu, silêncio amoroso na conformidade corajosa, é a primeira palavra de esperança.

† MANUEL, Arcebispo de Mitilene



Vista geral do Santuário, durante a Missa dos Doentes, na grande Peregrinação do mês passado

